

Juramentos

Vincent Cheung

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Mateus 5:33-27 (NVI)

“Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não jure falsamente, mas cumpra os juramentos que você fez diante do Senhor’. Mas eu lhes digo: Não jurem de forma alguma: nem pelos céus, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. E não jure pela sua cabeça, pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo. Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que passar disso vem do Maligno”.

A declaração que Jesus cita no versículo 33 não parece ser uma citação exata do Antigo Testamento, mas um resumo do que ele ensina nos seguintes versículos: “Não jurem falsamente pelo meu nome, profanando assim o nome do seu Deus. Eu sou o SENHOR” (Levítico 19:12); “Quando um homem fizer um voto ao SENHOR ou um juramento que o obrigar a algum compromisso, não poderá quebrar a sua palavra, mas terá que cumprir tudo o que disse” (Números 30:2). “Se um de vocês fizer um voto ao SENHOR, o seu Deus, não demore a cumpri-lo, pois o SENHOR, o seu Deus, certamente lhe pedirá contas, e você será culpado de pecado se não o cumprir” (Deuteronômio 23:21).

Embora a declaração no versículo 22 não seja um resumo completo de tudo o que o Antigo Testamento ensina sobre o assunto, ela parece ser precisa até onde vai. Contudo, por agora já sabemos que os fariseus e os escribas não seguiam e ensinavam literalmente a palavra de Deus, mas constantemente impunham suas próprias definições e tradições sobre ela.

Os mandamentos demandam que as pessoas cumpram seus votos.² Se você disser que algo é verdadeiro, então é melhor que seja, e se você disser que fará algo, então deve fazê-lo. Mas os fariseus e os escribas pensavam que se a lei diz, “Não jurem falsamente *pelo meu nome*”, então isso significa que eles podiam jurar falsamente conquanto não jurassem pelo nome de Deus!

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em março/2007.

² Embora alguns comentaristas distingam entre juramentos e votos, usarei esses termos intercambiavelmente no que se segue, visto que mesmo que forem diferentes, nossa discussão se aplicará igualmente a ambos.

Assim, eles designavam um sistema elaborado indicando se um juramento era obrigatório ou não, dependendo da fórmula usada – especificamente, com base em quão próximo o voto estava associado com Deus ou o seu nome. Em outras palavras, eles tinham inventado tradições e regulamentos humanos nunca ensinados pela lei, mas antes impostos sobre ela, para evitar dizer a verdade e manter os seus votos.

Jesus repreende os fariseus e os escribas em Mateus 23 sobre a mesma coisa, e ali ele diz:

“Ai de vocês, guias cegos!, pois dizem: ‘Se alguém jurar pelo santuário, isto nada significa; mas se alguém jurar pelo ouro do santuário, está obrigado por seu juramento’. Cegos insensatos! Que é mais importante: o ouro ou o santuário que santifica o ouro? Vocês também dizem: ‘Se alguém jurar pelo altar, isto nada significa; mas se alguém jurar pela oferta que está sobre ele, está obrigado por seu juramento’. Cegos! Que é mais importante: a oferta, ou o altar que santifica a oferta? Portanto, aquele que jurar pelo altar, jura por ele e por tudo o que está sobre ele. E o que jurar pelo santuário, jura por ele e por aquele que nele habita. E aquele que jurar pelos céus, jura pelo trono de Deus e por aquele que nele se assenta.” (v. 16-22)

Jesus está se referindo a como os fariseus e os escribas faziam finas distinções entre como alguém faz um juramento, de forma que se um juramento fosse feito de certo modo, eles até mesmo diriam que “isto nada significa”. Mas se um juramento é um juramento, pode-se perguntar como ele alguma vez poderia significar nada.

De qualquer modo, Jesus aponta que, devido a todas as suas finas distinções, o raciocínio teológico deles era pobre e não fazia nenhum sentido; isto é, mesmo as tradições pelas quais eles subvertiam a lei de Deus não eram inteligentes. Como os teólogos liberais de hoje, não é que os fariseus eram muito intelectuais a ponto de estabelecer o que era bom para eles, mas sim que suas mentes eram débeis demais para sequer dar uma escusa meio-decente para sua desobediência.

Contrário ao que muitas pessoas pensam, a Escritura nunca se opõe à precisão com minúcia quando diz respeito a entender a lei de Deus *a fim de obedecê-la*. Eles pensam que Jesus critica os fariseus por serem tão meticulosos sobre obedecer a lei que negligenciavam mostrar qualquer misericórdia, mas o exato oposto é a verdade – ele acusa os fariseus de serem muito meticulosos

em *desobedecer* a lei. É a lei de Deus que nos ordena mostrar misericórdia em primeiro lugar. Como Miquéias diz: “Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: *pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus*” (Miquéias 6:8).

Justiça, misericórdia e humildade são todos ensinamentos do Antigo Testamento; aqueles que pensam que essas são características recentemente enfatizadas pelo Novo Testamento revelam que não entendem nem o Antigo, nem o Novo Testamento. É errado pensar, como algumas pessoas, que o Antigo Testamento ensina uma moralidade da lei, enquanto o Novo Testamento ensina uma moralidade do coração. A verdade é que Deus sempre ensinou uma moralidade do coração *pela lei*; o problema é que aqueles que seguem as tradições humanas recusam obedecer a Deus.

Alguns daqueles que tentam se afastar do que eles falsamente percebem como legalismo alegam enfatizar a misericórdia e não a lei, mas certamente não sabem o que é misericórdia quando pensam que mostrar misericórdia é relaxar os requerimentos da lei. Jesus diz: “Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que *dos menores*, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus” (Mateus 5:19).

Retornando à nossa passagem, Jesus refere-se a várias formas similares pelas quais os fariseus e os escribas tentavam justificar falsos juramentos, e ele diz que essas são baseadas num raciocínio teológico inferior. Assim, eles diziam que visto que a lei ensina que um juramento feito diante de Deus ou em seu nome é obrigatório, então se alguém deseja fazer um juramento que não é obrigatório, deve simplesmente evitar fazer uma referência direta ou próxima a Deus, como, por exemplo, jurar pelo céu, pela terra, por Jerusalém, ou pela cabeça de alguém (v. 34-36).

Jesus responde com o que os fariseus e os escribas já deveriam saber muito bem, que o céu é dito ser trono de Deus, e a terra é dita ser o estrado dos seus pés (Isaías 66:1), e que Jerusalém é dita ser a cidade do Grande Rei (Salmo 48:2). Quanto a nossa cabeça, mesmo os nossos cabelos estão sob o controle de Deus e não nosso (Mateus 10:29-30). O ponto é que Deus conhece e governa toda parte de sua criação, de forma que é impossível fazer um juramento sem fazê-lo diante de Deus. Portanto, no lugar de falsos votos e juramentos hipócritas, Jesus ordena: “Não jurem de forma alguma... Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’” (v. 34, 37).

Novamente, isso não é um ensino ético novo de Jesus; antes, ele está simplesmente extraindo o que o Antigo Testamento claramente ensina, isto é, o que os fariseus e escribas já deveriam saber, mas obviamente recusavam seguir:

Quando você fizer um voto, cumpra-o sem demora, pois os tolos desagradam a Deus; cumpra o seu voto. É melhor não fazer voto do que fazer e não cumprir. Não permita que a sua boca o faça pecar. E não diga ao mensageiro de Deus: “O meu voto foi um engano”. Por que irritar a Deus com o que você diz e deixá-lo destruir o que você realizou? Em meio a tantos sonhos absurdos e conversas inúteis, tenha temor de Deus. (Eclesiastes 5:4-7)

“Eis o que devem fazer: Falem somente a verdade uns com os outros, e julguem retamente em seus tribunais; não planejem no íntimo o mal contra o seu próximo, e não queiram jurar com falsidade. Porque eu odeio todas essas coisas”, declara o SENHOR. (Zacarias 8:16-17)

Uma vez que você tenha feito um voto, é fútil alegar que um voto não é obrigatório, ou que você cometeu um engano; portanto, é melhor não fazer um voto de forma alguma do que fazer um e então quebrá-lo. Contudo, isso não significa que você pode mentir conquanto não jure dizer a verdade! Pensar dessa forma é apenas outra forma de distorcer o ensino bíblico.

Devemos observar a ênfase principal da passagem, de forma que não apliquemos erroneamente o que Jesus está dizendo. Ele está denunciando primariamente aqueles que se permitem fazer juramentos vazios redefinindo e distorcendo a lei de Deus. Sua preocupação é que as pessoas digam a verdade e queiram dizer o que dizem (v. 37), de forma que o seu “Sim” signifique “Sim”, e o seu “Não” signifique “Não”. E se essa é a sua prática, então não deveria existir necessidade alguma de você jurar; outras pessoas seriam capazes de confiar no que você diz, mesmo quando não jura explicitamente em nome de Deus ou apela a ele como sua testemunha. Assim, sua ênfase é mais parecida com “Não jurem”, do que com “Vocês devem recusar jurar” ou “Eu proíbo que vocês jurem”.

Ora, Jesus já tinha dito que não veio abolir, mas cumprir a Lei e os Profetas (Mateus 5:17), e ele se opõe àqueles que relaxam até mesmo o menor dos mandamentos (v. 19). Com isso em mente, é impossível entender nossa passagem como uma proibição absoluta contra juramento em qualquer ocasião e por qualquer razão, tal como quando é requerimento por um tribunal secular ou de igreja.

E isso devido ao fato de Jesus já ter dito que ele não contradiria nem mesmo o menor dos mandamentos de Deus, e a lei ensina o seguinte:

Temam o SENHOR, o seu Deus, e só a ele prestem culto, e ***jurem somente pelo seu nome***. (Deuteronômio 6:13)

Mas o rei se alegrará em Deus; ***todos os que juram pelo nome de Deus o louvarão***, mas as bocas dos mentirosos serão tapadas. (Salmos 63:11)

Voltem-se para mim e sejam salvos, todos vocês, confins da terra; pois eu sou Deus, e não há nenhum outro. Por mim mesmo eu jurei, a minha boca pronunciou com toda a integridade uma palavra que não será revogada: Diante de mim todo joelho se dobrará; ***junto a mim toda língua jurará***. (Isaías 45:22-23)

Quem pedir bênção para si na terra, que o faça pelo Deus da verdade; ***quem fizer juramento na terra, que o faça pelo Deus da verdade***. Porquanto as aflições passadas serão esquecidas e estarão ocultas aos meus olhos. (Isaías 65:16)

“Se você voltar, ó Israel, volte para mim”, diz o Senhor. “Se você afastar para longe de minha vista os seus ídolos detestáveis, e não se desviar, ***se você jurar pelo nome do Senhor com fidelidade***, justiça e retidão, então as nações serão por ele abençoadas e nele se gloriarão.” (Jeremias 4:1-2)

O jurar ***em si mesmo*** não é o problema. De fato, quando você jura legítima e reverentemente em nome de Deus, você está explicitamente reconhecendo que Deus é o seu Senhor Soberano, a quem você oferece adoração e a quem deve prestar contas, e que você está sempre cênscio de sua presença e poder. O juramento apropriado em ocasiões apropriadas honra a Deus!

Antes, o problema está no juramento negligente e falso. Jeremias refere-se àqueles que: “Embora digam: ‘Juro pelo nome do Senhor’, ainda assim estão jurando falsamente” (Jeremias 5:2). Em outras palavras, eles reconhecem Deus com palavras, mas as coisas que dizem são falsas, o que significa que alegam falsamente temê-lo, e que profanam seu nome ao associá-lo com mentiras. A Escritura é contra isso, tanto no Antigo como no Novo Testamento, e é especialmente a esse tipo de falso juramento que Jesus se opõe.

Além de Mateus 5:17-19, Jesus também confirma esse entendimento do seu ensino sobre juramentos com o seu próprio exemplo. Em seu julgamento diante do sumo sacerdote, Jesus permanece em silêncio quando questionado e quando falsas testemunhas testificam contra ele (Mateus 26:59-63). Assim, ele cumpriu a profecia de Isaías, que escreveu: “Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca” (Isaías 53:7; veja Atos 8:32-35). Mas então, o sumo sacerdote ordena que Jesus fale, invocando o nome de Deus: “Exijo que você jure pelo Deus vivo: se você é o Cristo, o Filho de Deus, diga-nos” (v. 63). Nisso, Jesus responde: “Tu mesmo o disseste” (v. 64).

Paulo também demonstra a maneira e ocasião apropriada para um apelo formal a Deus. Em sua carta aos Gálatas, ele escreve: “Irmãos, quero que saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana. Não o recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; ao contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação” (Gálatas 1:11-12). Então, ele solenemente afirma que está dizendo a verdade apelando a Deus: “Quanto ao que lhes escrevo, afirmo diante de Deus que não minto” (v. 20). Nesta carta, Paulo está tentando corrigir sérios erros doutrinários que tinham se infiltrado na igreja, e ele achou apropriado começar estabelecendo a origem do evangelho, e sua autoridade como seu apóstolo.

Então, em uma de suas cartas aos coríntios, ele novamente acha necessário defender seu chamado como um apóstolo, especialmente à luz da infiltração de falsos apóstolos na igreja. Assim, ele cita algumas de suas qualificações e experiências como um apóstolo, e novamente afirma solenemente o que ele diz fazendo um apelo à Deus: “O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito para sempre, sabe que não estou mentindo” (2 Coríntios 11:31).

Em ambos os casos, Paulo está enfrentando sérios problemas nas igrejas, e seus apelos a Deus são solenes e sinceros. Ele não está tentando enganar seus leitores para que creiam nele, quando na verdade não está dizendo a verdade; antes, ele já estava dizendo a verdade, mas visto que as alegações e oposições são sérias, ele também assegura seus leitores que está ciente que suas palavras e condutas são realizadas diante de Deus, e que Deus fará com que eles preste contas delas.

Nem Paulo está apelando a Deus para benefício e conveniência pessoal, ou para facilitar alguma transação trivial; antes, ele solenemente afirma que está dizendo a verdade por causa do evangelho. Dito isso, parece que a ordenação ao ministério é outra ocasião na qual é apropriado apelar a Deus como testemunha (2 Timóteo 4:1).

Outro exemplo é o voto de casamento. Visto que o casamento é um pacto entre um homem e uma mulher (Malaquias 2:14), ele necessariamente envolve um voto. Aplicando o ensino de Jesus ao voto de casamento, deveríamos entender que ele não é contra o voto como tal, mas se você alega que o voto não é obrigatório por ter sido formulado de uma forma particular, então é isso o que Jesus condena.³

Todavia, com todos esses exemplos nos quais um apelo formal a Deus é apropriado, jurar permanece desnecessário e até mesmo pecaminoso na maioria das ocasiões e propósitos, tal como para fazer nossas declarações ordinárias e triviais mais críveis. Um apelo formal a Deus é feito somente em ocasiões especiais e para propósitos especiais, de forma que deveria acontecer raramente, se é que alguma vez; em adição, isso de forma alguma implica que podemos ser menos confiáveis em nossas conversações diárias, quando não fazemos nenhum apelo formal a Deus. Quer juremos ou não, nosso “Sim” deve significar “Sim”, e o nosso “Não” deve significar “Não”.

Portanto, a Confissão de Fé de Westminster está correta quando diz o seguinte (22.1-2):

O Juramento, quando lícito, é uma parte do culto religioso pelo qual o crente, em ocasiões necessárias e com toda a solenidade, chama a Deus por testemunha do que assevera ou promete; pelo juramento ele invoca a Deus para julgá-lo segundo a verdade ou falsidade do que jura.

O único nome pelo qual se deve jurar é o nome de Deus, nome que se pronunciará com todo o santo temor e reverência; jurar, pois, falsa ou temerariamente por este glorioso e tremendo nome ou jurar por qualquer outra coisa é pecaminoso e abominável, contudo, como em assuntos de gravidade e importância o juramento é autorizado pela palavra de Deus, tanto sob o Novo Testamento como sob o Velho, o juramento, sendo exigido pela autoridade legal, deve ser prestado com referência a tais assuntos.

³ A Escritura de fato permite um voto ser legitimamente anulado em certas ocasiões, tais como por um pai ou um marido no momento *em que ele ouvir sobre o voto*, mas não mais tarde (Números 30:3-15). Visto que algo como o ensino católico romano de “desquite” vai além do que a Escritura permite e ensina, ele é uma abominação, e comete o mesmo tipo de erro que Jesus condena em nossa passagem.

As pessoas têm inventado várias formas de desobedecer ao ensino de Jesus; algumas vezes elas tentam escusar sua mentira, e algumas vezes tentam atacar a verdade. Algumas pessoas fazem afirmações do que elas farão, mas então mais tarde desistem dizendo: “Mas eu nunca prometi!”. Ou, elas podem dizer: “Eu disse isso com os meus dedos cruzados”. Outras podem adotar alguma forma de relativismo ou ética situacional para escusar suas mentiras.

Hoje, muitas pessoas são pragmáticas, principalmente porque são egoístas e estúpidas. Elas crêem que o fim justifica os meios, de forma que dizer a verdade depende se isso produzirá ou não os resultados que elas desejam. Além de ser uma posição filosófica irracional, o pragmatismo inverte o ensino da Escritura, que diz: “Aquele que é íntegro em sua conduta e pratica o que é justo, que de coração fala a verdade... que rejeita quem merece desprezo, mas honra os que temem o Senhor, que mantém a sua palavra, mesmo quando sai prejudicado” (Salmos 15:2, 4). Porque o pragmatismo é uma filosofia irracional e anti-bíblica, os cristãos não devem ser pragmáticos. Assim, falamos a verdade e cumprimos nossas promessas, mesmo que isso nos faça impopulares, e mesmo que isso atraia perseguição.

As pessoas trivializam a verdade ao adicionar às suas declarações expressões como: “Eu juro por Deus”, “Diante de Deus!”, ou mesmo “Eu juro pelo túmulo da minha mãe”. Mesmo quando estão dizendo a verdade, eles freqüentemente abusam da verdade. Eles podem apresentar a verdade de uma maneira parcial e enganosa, de forma que termina enganando o ouvinte. Ou, podem usá-la para promover e então defender fofocas, alegando que estão apenas dizendo a verdade. Mas tudo isso “vem do Maligno” (Mateus 5:37).

Vários anos antes da minha conversão, quando era ainda uma criança, se alguém não estivesse certo que eu estava dizendo a verdade, poderia me fazer dizer a verdade lembrando-me que Deus poderia ouvir o que eu estava dizendo. Visto que isso parece mostrar que eu tinha algum temor de Deus, pode parecer recomendável para algumas pessoas. Contudo, o que isso realmente mostra é que eu era um mentiroso no coração e na prática, e a verdade freqüentemente tinha que ser extraída de mim apelando-se a Deus. Se eu temesse realmente a Deus, diria a verdade o tempo todo, e não precisaria que as pessoas me lembrassem sobre isso.

Então, à medida que fui crescendo, tornei-me um completo pragmático no que diz respeito a dizer a verdade. Freqüentemente, eu nem mesmo pensava em termos de verdadeiro e falso, mas simplesmente diria algo que pensava dar-me vantagem. A própria verdade era sem valor pra mim, de forma que sempre que me refreava de mentir, era somente porque esse não era o meu maior interesse, ou porque tinha medo de ser descoberto.

Já é mau o suficiente quando uma pessoa deve jurar para que se creia nela; é ainda pior quando uma pessoa jura para enganar, ou jura usando um método ou uma fórmula que pensa tornar o juramento não obrigatório. Essa pessoa é uma mentirosa, quer jure ou não, mas Jesus ensina que devemos falar a verdade e cumprir as nossas promessas, quer juremos ou não. A Escritura diz que para “todos os mentirosos — o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre” (Apocalipse 21:8). Tiago escreve: “Seja o sim de vocês, sim, e o não, não, para que não caiam em condenação” (Tiago 5:12). Deus toma a verdade muito mais seriamente que a maioria das pessoas pensam.

Após minha conversão, imediatamente parei de mentir. Daquele tempo em diante, quis dizer a verdade, mesmo em momentos quando dizer a verdade poderia gerar problemas para mim. Se dissesse a alguém que algo era verdade, então era verdade. Se dissesse a alguém que faria algo, então isso seria feito. Se dissesse a alguém que a encontraria em tal lugar num dado horário, então isso significava que geralmente eu estaria ali trinta minutos com antecedência.

Se a situação mudasse de forma que não pudesse realizar o que prometi, então diria a pessoa o mais rápido que pudesse. Sempre que pensava que tinha dito algo inexato, mesmo sem intenção, ou enganado alguém, minha consciência era golpeada com acusação, e procuraria a pessoa diligentemente para corrigir a falsa declaração ou impressão. Eu me tornei cômico de viver falar diante de Deus, não apenas quando alguém apela ou faz menção a ele.

Isso tornou desnecessário que eu jurasse, ou que outros extraíssem a verdade de mim, pois Deus me escolheu e salvou soberanamente, e realizou o que prometeu há tempos: “Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo” (Jeremias 31:33), e “Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis” (Ezequiel 36:27).

O ensino de Jesus nesta passagem é igualmente verdadeiro e aplicável hoje, e os líderes de igreja deveriam ensiná-lo com maior frequência e convicção. Mesmo ateístas dizem loquazmente: “Juro por Deus”. Isso é abusar do nome de Deus, e se Deus não salvá-los soberanamente, eles serão lançados no inferno por causa disso. Mas até mesmo cristãos professos freqüentemente abusam do nome de Deus – eles usam-no em piadas, para amaldiçoar e para mentir. Sem dúvida, muitos desses são falsos conversos, visto que os cristãos verdadeiros ficam aterrorizados com tamanho abuso do nome de Deus. Os ministros deveriam advertir, repreender, e se necessário, excomungar aqueles que cometem esse pecado extremamente sério.

Fonte: *The Sermon on the Mount*, Vincent Cheung, 81-88.